



## **Ernesto Varela E Custe O Que Custar: O Humor Na Reportagem Televisiva Ontem E Hoje <sup>1</sup>**

Cláudia Laís de Melo Ferreira <sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

A comédia está a cada dia mais presente nas produções televisivas de jornalismo em todo o mundo. No Brasil, essa característica esteve bastante presente nos anos 1980, na figura do repórter fictício Ernesto Varela. No final dos anos 2000, essa tendência voltou com força com o início da transmissão de uma versão brasileira do Custe o Que Custar (CQC). Entretanto, esse humor que novamente ganhou espaço no jornalismo se apresenta em nova forma e se utiliza de novas estratégias de abordagem em entrevistas. Essas estratégias foram verificadas na análise das amostras coletadas de ambos os programas televisivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; entrevista; comicidade; riso; ridículo.

---

### **APRESENTAÇÃO**

A abordagem cômica vem se mostrando cada vez mais evidente no meio televisivo, particularmente no jornalismo. Nunca se exigiu tanto do telejornalismo espontaneidade e irreverência, características essas que suscitam a necessidade de trazer para esse meio profissionais híbridos, isto é, que desempenham a função de humoristas, e, concomitantemente, estão habilitados à de comunicadores sociais. Jornalistas ou comediantes, o fato é que esses novos comunicadores têm atraído as atenções da crítica, do público e, sobretudo, de suas “vítimas”, os entrevistados.

O *Custe o que Custar*, mais conhecido como *CQC*, da Rede Bandeirantes, constitui um exemplo dessa nova realidade do jornalismo, bem como do humor. Desde 2008, o “resumo semanal de notícias”, com sua seleção de repórteres oriundos de diferentes áreas da comunicação e da comédia, vêm agregando elementos de ambas as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: [claudiaferreira.1792@gmail.com](mailto:claudiaferreira.1792@gmail.com).



atividades, antes assimiladas de maneira contraposta, como se uma não fosse possível de ser realizada em sociedade com a outra.

No entanto, o CQC não é pioneiro nessa proposta. No início da década de 1980, no período da abertura política em nosso país, surge na cena televisiva, mais especificamente na TV Gazeta, *Ernesto Varela, o Repórter*, interpretado pelo jornalista Marcelo Tas, que, curiosamente, hoje é um dos apresentadores do CQC. O surgimento de ambas as propostas obteve uma grande repercussão no modo de se fazer jornalismo, comédia e, sobretudo, televisão, visto que explicita um dos elementos mais característicos do campo da Comunicação, que consiste na sua multidisciplinaridade.

Nesse sentido, se faz necessário verificar em que pontos o repórter fictício Ernesto Varela e o time de repórteres do CQC coincidem e se distinguem, na abordagem empregada para interrogar o entrevistado e na forma como o humor é utilizado nessa empreitada. Para resgatar as emissões do programa *Ernesto Varela, o Repórter*, foi coletado todo o material encontrado na rede sobre o personagem/repórter, sobretudo os vídeos das mais famosas entrevistas e reportagens produzidas, que resulta num número de sete matérias/entrevistas, listadas a seguir:

- a) “O prazer da política”, de 1983: no primeiro comício por eleições presidenciais diretas no Brasil, comandado pelo então líder sindical Lula, Ernesto Varela pergunta aos grandes nomes da oposição da época (como Eduardo Suplicy e o próprio Lula) qual seria o prazer da política;
- b) “Varela no Congresso”, 1984: o repórter vai ao Congresso Nacional para acompanhar a votação da ementa que previa eleições diretas para presidente;
- c) “Ernesto Varela e Nelson Piquet”, 1984: no Grande Prêmio do Brasil de Fórmula da temporada de 1984, o piloto brasileiro e campeão mundial Nelson Piquet concede breve entrevista a Varela;
- d) “Varela em Serra Pelada”, 1984: o repórter mostra como vivem os garimpeiros em Serra Pelada, no Pará;
- e) “Ernesto Varela em Cuba”, 1985: Varela e sua equipe de reportagem visitam Cuba e conhecem o cotidiano dos cidadãos da ilha de Fidel;
- f) “Varela no Rio”, 1985: o repórter visita a cidade do Rio de Janeiro na véspera do primeiro Rock in Rio, maior festival de música pop realizado no Brasil.
- g) “Ernesto Varela e Nabi Abi Chedid”, 1986: entrevista com o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF);



Quanto ao *Custe o Que Custar (CQC)*, que apresenta um conjunto maior de matérias disponíveis na rede, se decidiu limitar a análise à cobertura das eleições municipais de 2008. O evento compreende a edição do dia 13 de outubro do mesmo ano, inteiramente dedicada à cobertura dos acontecimentos envolvendo as votações das capitais São Paulo e Rio de Janeiro, ocorridas no dia anterior.

### **1. Ernesto Varela, o Repórter**

Criado no início da década de 1980, em Santos (SP), o repórter fictício Ernesto Varela surgiu de uma ideia do jornalista Marcelo Tas, que viria a ser seu intérprete, diretor e roteirista. Os esquetes de *Ernesto Varela, o repórter* eram gravados pela produtora independente Olhar Eletrônico e começaram a ser veiculados, em 1983, pela TV Gazeta. Depois o programa passou a ser transmitido pela TV Record e, em seguida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), até 1986, quando a atração foi transmitida pela última vez. Nesse período, o Brasil passava por um processo de abertura política, quando o regime militar chegava ao seu fim e iniciou-se uma movimentação geral para a legitimação das eleições diretas.

No quadro Ernesto Varela, a comicidade é quase sempre gerada a partir da figura e do comportamento do próprio repórter. Vestindo paletó, gravata e seus famosos óculos de grau vermelhos, Varela grava suas matérias de rua entrevistando tanto pessoas anônimas quanto conhecidas pelo público em geral, utilizando uma carregada dicção de locutor de rádio e um vocabulário levemente formal.

Quentin Skinner, conceituado historiador, filósofo e cientista político britânico, em seu estudo que resultou na obra *Hobbes e a teoria clássica do riso* (2002), procura investigar as origens da crença de que a emoção expressa pelo riso é sempre uma mistura de *alegria e escárnio*. Essa teoria, segundo o autor, ganha destaque no primeiro período da filosofia moderna, e é posta em prática por Thomas Hobbes (1588 – 1679) no seu *Leviathan*, em cujos capítulos finais ele monta uma crítica devastadora à Igreja Católica, expondo esta ao *ridículo*, por meio de *sátiras, sarcasmos* e uma série de *piadas*. De acordo com Skinner (2002, p. 17), “a comédia trata do que é risível, e o risível é um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo. Chegamos a rir de outras pessoas, porque elas exibem uma falta ou marca constrangedora que, enquanto não dolorosa, as torna ridículas”.



Figura 1. Ernesto Varela. Fonte: Google.

Isso se torna evidente no episódio em que Varela visita o Rio de Janeiro em janeiro de 1985, na véspera da primeira edição do Rock in Rio. Ao entrevistar banhistas da praia de Copacabana sobre o sotaque e os hábitos do cidadão carioca, o repórter recebe dicas de como adquirir a “ginga carioca”. Embora simpáticos e solícitos, muitos entrevistados riem dos trejeitos desengonçados de Varela, que chega a ser chamado de “careta” por um surfista. Entretanto, percebe-se claramente que esse é o objetivo que Marcelo Tas deseja atingir na interpretação de seu personagem. Ele *se permite ser ridicularizado* pelos populares, que, assim, se sentem superiores e o enxergam como alguém que os diverte. Essa relação consiste numa via de mão dupla, posto que ambos sentem-se satisfeitos: o entrevistado tem Ernesto Varela como seu “bobo da corte” e o entrevistador, ao conquistar a simpatia e a confiança de sua fonte, consegue dela informações importantes para a discussão do tema abordado na matéria.

O fato de Varela frequentemente *ser a piada* ao invés de fazer piada é fruto da construção de um simulacro de ingenuidade que gera uma situação de conforto para o entrevistado bem como para o repórter quando este e aquele possuem interesses convergentes. Na cobertura da votação (boicotada pela base que apoiava o regime militar) da emenda que propunha a implementação das eleições diretas à Presidência do Brasil, no Congresso Nacional, Varela direciona uma pergunta ao jornalista Tarso de Castro, considerado ácido e polêmico na época:

– *Tarso de Castro, qual é a última do Congresso?*

A pergunta é bastante vaga e não é por acaso. A falta de pretensão é um recurso exaustivamente utilizado por Ernesto Varela, que de pronto, o jornalista da Folha de São Paulo responde de forma maliciosa:

*– Eu espero que feche, né? Porque aqui tem mais incompetente que no executivo.*

É visível que Varela sabe que o posicionamento do jornalista coincide com o seu e, desse modo, através de suas “inocentes” perguntas, aproveita para incitar opiniões que gostaria de expressar.



**Figura 2. Varela entrevista o jornalista Tarso de Castro no Congresso Nacional. Fonte: Youtube.**

Como se vê, Varela parece desajeitado e inexperiente, e suas perguntas são aparentemente despreziosas e, por vezes, sem sentido. Como quando, por exemplo, perguntou a Orestes Quércia, recém-eleito ao governo do estado de São Paulo, em plena coletiva de imprensa, se ele se acreditava ser parecido com o ator hollywoodiano Robert Redford, visto que muitos afirmavam que sua eleição se deveu à sua boa aparência física. No entanto, quando suas verdadeiras intenções são compreendidas pelo entrevistado, elas podem causar constrangimento, rejeição ou reações mais agressivas por parte do interlocutor.

Um exemplo foi o episódio em que Varela, em 1986, tenta fazer perguntas sobre política ao então vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e deputado Nabi Abi Chedid, em Guadalajara. Chedid reagiu com muita agressividade à

pergunta com efeito de duplo sentido “qual é a sua próxima jogada?”, feito pelo repórter ao final da entrevista.



**Figura 3. Varela em polêmica entrevista com Nabi Abi Chedid, vice-presidente da CBF em 1986. Fonte: Youtube.**

A seleção brasileira disputava a Copa do Mundo do México e ouviu-se na época que os jogadores foram proibidos pela diretoria da equipe de falar sobre política com a imprensa durante o torneio. Provocador, Varela insistiu em falar sobre política com Chedid, que o insultou fortemente, acusando o repórter de ser um “mau brasileiro”, “cretino” e “inoportuno”.

### **1.1. Valdeci, o cinegrafista**

O cinegrafista fictício Valdeci, interpretado pelo hoje renomado cineasta Fernando Meirelles, exerce o importante papel na estratégia cômica do quadro. O *cameraman* de Ernesto Varela, embora nunca tivesse seu rosto exibido em frente à câmera, era constantemente acionado pelo repórter, com quem aparentava ter uma relação de cumplicidade. Em suma, Valdeci funcionava como o “fiel escudeiro” de Varela.

Desse modo, o repórter se dirige constantemente ao seu colega, pede que ele capture determinadas imagens, solicita a sua opinião acerca dos acontecimentos, e este o responde com gestos, capturados pela câmera, ou oralmente, embora o ato de falar não fosse dado a Valdeci de modo recorrente.



Figura 4. Varela e seu cinegrafista Valdeci em Havana, capital cubana. Fonte: Youtube.

Quando estava gravando uma matéria em Cuba, em 1985, a equipe de reportagem de Varela teve problemas com a polícia local por estarem entrevistando transeuntes nas ruas de Havana. A câmera de Valdeci registrou o tenso momento, em que Varela, preocupado, lhe questiona: “será que vamos ser presos aqui em Cuba, Valdeci?”. O cinegrafista rapidamente põe as duas mãos em frente a câmera fazendo gestos como é possível verificar na imagem 4 (acima).

## 2. Custe o Que Custar (CQC)

O CQC é uma produção da empresa holandesa *Eyeworks* em parceria com a argentina *Cuatro Cabezas*. A franquia de sucesso surgiu na Argentina, em 1995, com o nome *Caiga Quien Caiga* e foi trazida, em 2008, para o Brasil, onde é exibida pela TV Bandeirantes (Band) nas noites de segunda-feira. O formato também existe em outros países do continente americano e alguns da Europa, como Chile, México, Equador, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Itália e França, além de Israel.

O formato consiste num resumo das notícias da semana e a versão brasileira tem obtido grande êxito devido a uma audiência realmente expressiva desde o seu princípio, sendo composta por três apresentadores e cinco repórteres, além de uma grande equipe de produção. A equipe de reportagem é composta por Felipe Andreoli, Rafael Cortez (ambos na equipe desde quando o programa teve início, em 2008), Mônica Iozzi (que

integra o programa desde 2009), Maurício Meirelles (na equipe desde o fim da temporada de 2011) e Ronald Rios (integrante mais recente, contratado para a temporada de 2012). O jornalista Marcelo Tas, outrora tendo vivido Ernesto Varela, agora chefia a bancada de apresentação do CQC, na qual também estão presentes os atores e comediantes Marco Luque e Oscar Filho, tendo este último, antes na condição de repórter, substituído o jornalista e humorista Rafinha Bastos, na temporada de 2012.



**Figura 5. Integrantes da primeira formação do Custe o Que Custar (CQC), da esquerda para a direita: Rafinha Bastos, Danilo Gentili, Marco Luque, Felipe Andreoli, Rafael Cortez, Oscar Filho e Marcelo Tas. Fonte: Google.**

No programa Custe o que custar (CQC), é possível notar que a comicidade surge a partir de uma combinação de ações executadas pelos repórteres e pelos entrevistados. Diferente do caso de Ernesto Varela, os repórteres do CQC são atrevidamente maliciosos. Além disso, não apenas o repórter é diferente, mas o entrevistado também é novo, a partir do momento em que conhece bem o caráter das perguntas feitas pela equipe do programa. Nesse sentido, se faz fundamental traçar o perfil comportamental dos comediantes, bem como o de suas vítimas, identificando as estratégias adotadas para se gerar comicidade.

## **2.1. Entrevistador vs. entrevistado**

O repórter, através de suas perguntas e comentários, consiste na primeira forma de despertar o riso no espectador do programa, o que se confirma no fato de o quadro de





repórteres ser composto por atores e/ou comediantes. De acordo com Skinner (2002, p. 9/10), “se podemos ser bem sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado”.

A forma de abordagem dos entrevistados se dá normalmente por perguntas e piadas prontas, baseadas no conhecimento que o repórter possui sobre tal interlocutor. Essa situação é perceptível no episódio em que o repórter Rafinha Bastos questiona José Serra (PSDB), durante a cobertura do primeiro turno das eleições municipais de 2008. Repórteres de diversos veículos de comunicação esperavam a chegada do então governador do estado de São Paulo em sua seção eleitoral. Quando ele chega, Rafinha Bastos, consciente de que é do conhecimento de todos que José Serra é um homem calvo, pergunta:

– Por que demorou tanto, Serra? ‘Tava’ no cabeleireiro?

Entretanto, se tratando de situações e encontros inesperados, o repórter se vale bastante do improviso, momento no qual se revela, em maior proporção, as potencialidades cômicas do repórter, que se mostra mais sagaz que Ernesto Varela nesse sentido.

O repórter Danilo Gentili estava entrevistando eleitores na frente de um colégio onde as pessoas votam em São Paulo. Em senhor que acabara de sair de sua seção foi abordado por Gentili, que perguntou em quem ele havia votado. O transeunte não quis responder, mas o repórter transformou a recusa num motivo para fazer uma piada:

– Ah, votou no [Geraldo] Alckmin e tá com vergonha de assumir, é isso?

Alckmin não teve apoio de uma considerável parcela do seu partido durante a campanha e foi derrotado no primeiro turno, tendo sido o terceiro mais votado. Neste sentido, o repórter não é mais o ridículo, pois é ele quem ridiculariza a pessoa com que dialoga ou um terceiro.

Perguntar retoricamente é uma maneira habilmente empregada de atingir este fim. Quando o ex-Ministro da Casa Civil José Dirceu, famoso pelo envolvimento no escândalo do mensalão, chega em seção para votar, o repórter do CQC Rafael Cortez inicia a sabatina de perguntas. Dirceu responde com boa vontade que obviamente votará no PT e ouve do repórter:

– Eu sei que o senhor tem orgulho de votar no PT, mas o PT também tem orgulho do seu voto?

Quando se iniciam protestos contra o ex-ministro, Cortez questiona:

– As pessoas te recebem com um pouco de hostilidade, né?



Figura 6. Rafael Cortez, do CQC, entrevista José Dirceu (PT).

De acordo com Skinner (2002, p. 17), “são especialmente risíveis os inferiores em algum sentido, sobretudo os moralmente inferiores, embora não os completamente depravados”. Isso explica o fato da zombaria, este híbrido de alegria e desprezo, com políticos corruptos facilmente estimulam o riso, reação que representa para o autor uma mistura de alegria e escárnio. Em contrapartida, a mesma aceitação não é recebida por temas como estupro e pedofilia.

### 3. Considerações Finais

Algumas divergências entre os dois programas podem ser percebidas. É interessante notar que Varela, de certa forma inaugura no Brasil uma técnica de entrevista e reportagem que se utiliza da comédia para garantir legitimidade, se esforçando para manter uma imagem de homem tolo, com ares de ‘bobo da corte’. Enquanto isso, a equipe do CQC, buscando renovar uma fórmula já conhecida e amplamente difundida, procura se afirmar como um grupo de repórteres inteligentes e sagazes.



Por outro lado, apesar de “fabricar” a comicidade através de métodos distintos, ambos os programas convergem nos resultados de seus esforços. Varela e CQC são igualmente capazes de nutrir tanto raiva quanto simpatia nos entrevistados.

Varela, com seu ar ingênuo e suas perguntas aparentemente despreziosas, surpreendia bastante aqueles que abordava durante as reportagens, pois trazia consigo uma ironia resguardada, porém forte e, muitas vezes, irritante, em seus incautos questionamentos. Em contrapartida, o O Custe o Que Custar, embora cause o mesmo efeito que, outrora, o Varela causou, atinge seu objetivo utilizando-se de uma malícia evidente, possivelmente viabilizada por uma liberdade de expressão da qual o repórter Ernesto Varela não dispunha no contexto histórico, político e social em que atuou.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio; DOURADO, Gabriela Sampaio. **O humor corrosivo dos meios e a política: o CQC vai ao Congresso.** *Famecos*, Porto Alegre, n.39, p.127-133, ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5853/4246>>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

ACSELRAD, Marcio; FACÓ, Kátiuska Macedo. **Quem ri por último ri melhor? Uma análise do humor da hipermodernidade a partir do programa Custe o que Custar.** *Famecos*, Porto Alegre, v.17, n.1, p.54-64, jan./abril. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6880/5003>>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

BERGSON, Henri. **O Riso** – ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 158 p. – (Coleção Tópicos)  
BRAGA, Victor Eduardo. **No descompasso do jornalismo: o deslocamento da objetividade nas reportagens de Ernesto Varela.** (Dissertação de Mestrado). Minas Gerais: Biblioteca Digital UFMG, 2007. 114 p. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAFI-7THQML/1/disserta\\_o\\_varela.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAFI-7THQML/1/disserta_o_varela.pdf)>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

CARNEIRO, Juliana Moreira; NILO, Adriana Tigre Lacerda. “Proteste Já” como um estilo “Custe o que Custar” de fazer Jornalismo. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0483-1.pdf>>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

GUIMARÃES, Denise ; CAETANO, Kati . **Estratégias gráficas e humor sarcástico: a notícia levada "a sério" no Programa CQC, da TV Bandeirantes, Brasil.** *Interin*, Curitiba, v.7, p.1-20, 2009. Disponível em: <[http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/07/artigos/artigo\\_livre\\_denise\\_e\\_kati.pdf](http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/07/artigos/artigo_livre_denise_e_kati.pdf)>. Acesso em: 15 Jun. 2012.



GUTMANN, Juliana Freire; SANTOS, Thiago E. F. dos; GOMES, Itania Maria Mota. **Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás** – Jornalismo e Entretenimento no Custe o que Custar. *E-compós*, Brasília, v.12, n.2, p.1-15, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/331/286>>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

GUTMANN, Juliana Freire. **Aspectos audiovisuais do infotainment**: o CQC como propósito de análise. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: <[http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/Gutmann\\_TV-e-Realidade.pdf](http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/Gutmann_TV-e-Realidade.pdf)>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

ROSAS, Marta. **Tradução de humor** – transcriando piadas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 128p.

SILVA, Nadiana Lima da. **CQC – Custe o que Custar**: Construção de sentidos e multimodalidade em entrevistas a políticos. In: III Encontro Nacional sobre Hipertexto, 2009, Belo Horizonte. *Anais Hipertexto 2009*. Belo Horizonte. v.1, p.1-13, 2009. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/b-f/cqc.pdf>>. Acesso em: 15 Jun. 2012.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. Tradução: Alessandro Zir. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2002. 88 p. – (Coleção Aldus)